

KATHRYN ORMSBEE

# Tash e Tolstói

Tradução

LÍGIA AZEVEDO

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2017 by Kathryn Ormsbee  
Publicado mediante acordo com Lennart Sane Agency AB.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

As citações originais utilizadas nesta edição foram retiradas de *Anna Kariénina*, de Liev Tolstói (Trad. revista de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017) e *Guerra e paz*, de Liev Tolstói (Trad. de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2012).

TÍTULO ORIGINAL Tash Hearts Tolstoy

CAPA Nik Neves

PREPARAÇÃO Paula Marconi de Lima

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Érica Correa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Ormsbee, Kathryn

Tash e Tolstói / Kathryn Ormsbee ; tradução Lígia Azevedo. —  
1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2017.

Título original: Tash Hearts Tolstoy.

ISBN 978-85-5534-046-8

1. Ficção — Literatura juvenil I. Azevedo, Lígia. II. Título.

---

17-05284

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinte



editoraseguinteoficial

*Para Virginia Sebastian, a melhor tia-avó do mundo*

*Se há tantas cabeças quantas são as maneiras de pensar,  
há de haver tantos tipos de amor quantos são os corações.*

Liev Tolstói, *Anna Kariênina*

Você acabou de assistir a mais um capítulo deprimente de *Famílias Infelizes*, uma websérie trazida a você por Liev Tolstói e Seedling Produções.

ELENCO

<i>Anna</i>	Serena Bishop
<i>Aleksei</i>	Jay Prasad
<i>Dolly</i>	Klaudie Zelenka
<i>Kitty</i>	Eva Honeycutt
<i>Liévin</i>	George Connor
<i>Stiepan</i>	Brooks Long
<i>Vrónski</i>	Tony Davis

EQUIPE TÉCNICA

<i>Produtoras</i>	Jack Harlow e Tash Zelenka
<i>Diretora</i>	Tash Zelenka
<i>Editora</i>	Jack Harlow
<i>Roteiristas</i>	Jack Harlow e Tash Zelenka
<i>Design gráfico</i>	Paul Harlow
<i>Música</i>	Tony Davis

Novos episódios toda terça e quinta às onze da manhã!

NÃO É ENGRAÇADO COMO ALGO pode ser uma piada por muito tempo e de repente não ser mais?

Você ri de uma nova música pop horrível até o fatídico dia em que se pega ouvindo vinte vezes seguidas sem nenhuma ironia. Ri da ideia de quiabo frito até a fatídica tarde em que sua família para em uma lanchonete no meio do nada e você decide pedir só de brincadeira, mas, do nada, esse vira seu prato favorito. Ri de palhaços até a fatídica noite em que vê *A coisa* na televisão e fica traumatizado para o resto da vida.

Mesmo na Antiguidade, tenho certeza de que os romanos conversavam sobre esse tipo de coisa durante os banhos públicos:

— Ei, Gaio, não seria engraçado se um dia todos aqueles bárbaros invadissem a cidade?

— Ora ora, Tito Flávio, isso é coisa da sua imaginação.

Por muito tempo, meus dois melhores amigos e eu brinca-

mos que um dia seríamos famosos. Era uma piada que sempre surgia quando estávamos de bobeira.

— Um dia, quando eu for famoso, vou ser dono de toda a Nova Escócia.

— Um dia, quando eu for famosa, vou comprar o vestido da Kate Hudson em *Como perder um homem em dez dias*.

— Um dia, quando eu for famosa, vou ter um carro conversível e viajar pra todo lugar a cento e quarenta quilômetros por hora.

A gente inventava essas coisas absurdas e inalcançáveis, e dava risada. Era uma brincadeira. Até que deixou de ser.

## UM

A PRIMEIRA COISA QUE VOCÊ PRECISA SABER sobre mim é: eu, Tash Zelenka, estou apaixonada pelo conde Liev Nikoláievitch Tolstói. Esse é o nome oficial dele, mas, como somos próximos, gosto de chamá-lo de Leo.

Eu o conheci em uma livraria quando tinha catorze anos. Era o começo do ano letivo e eu tinha estabelecido metas ambiciosas. A aula de inglês era fácil demais: depois de duas semanas já estava morrendo de tédio, então pesquisei romances famosos e fiz uma lista dos livros que leria naquele ano. O primeiro era *Anna Kariênina*, de Liev Tolstói. Dá para dizer que foi Anna Arcádievna Kariênina quem nos apresentou.

Foi amor à primeira frase. Caso esteja curioso, aqui está ela: “Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira”.

Não é *perfeito*? Leo sabe exatamente o que dizer para conquistar uma garota. Fiquei acordada até as três da madrugada-



da lendo os primeiros vinte capítulos de *Anna Kariênina*. Me apaixonei e continuo apaixonada.

Leo e eu somos tipo Romeu e Julieta. O destino não está nem um pouco a nosso favor. Para começar, meu pai não o aprova, porque ele é russo demais. Preferiria que eu estivesse apaixonada por um bom autor tcheco, como Václav Havel ou Milan Kundera, que são caras ótimos, mas você já tentou ler *A insustentável leveza do ser*? Está mais para *A insuportável pretensão do ser*...

Outro obstáculo: Leo está morto. Bem morto. A sete palmos debaixo da terra há cento e sete anos.

Mas o caminho para o amor verdadeiro nunca foi fácil.

E aqui vai a segunda coisa que você precisa saber sobre mim: sou produtora. Um projeto de produtora, pelo menos. E não, não estou tentando fazer o próximo *Cidadão Kane*, mas tenho um canal no YouTube com a minha melhor amiga, Jacklyn Harlow, e estamos fazendo uma websérie — uma adaptação contemporânea de *Anna Kariênina*. Viu só? Fechamos o círculo e, caso não tenha ficado claro ainda, agora você sabe: Tolstói é uma parte muito importante da minha vida.

— Vamos de novo? Começando pela fala da Eva: “Eu sei o que diz”.

É sexta à tarde e estamos na minha casa, gravando uma cena essencial pra websérie. Estou atrás da câmera profissional, enquanto Jack monitora o som. O irmão mais velho dela, Paul, que é meu outro melhor amigo, segura um microfone boom sobre a cabeça dos atores, George e Eva.

A gravação de hoje não é muito complicada e só envolve dois membros do nosso elenco de sete pessoas. Mesmo assim,

é absolutamente vital que tudo corra bem, porque essa cena é o clímax de uma parte superimportante da trama, que está sendo preparada há uma dúzia de episódios.

E é uma cena de beijo.

Filmar uma cena de beijo não é tão esquisito quanto você pensa. É *dez vezes* mais esquisito. Para começar, exige que duas pessoas que não estão apaixonadas ajam como se estivessem. Enquanto isso, você fica atrás da câmera, gravando tudo como se fosse um tarado. O que é particularmente engraçado no meu caso, porque esse tipo de coisa nem me interessa. Para piorar, é preciso que essas mesmas pessoas se beijem *muitas vezes*. Tipo “Ah, desculpa, você não mexeu os lábios do jeito certo” ou “Opa, tem um pouco de saliva ali, vamos ter que fazer mais uma vez”.

Neste caso específico, estamos na quarta tomada. Estou bem desconfortável, mas tentando ser profissional. Procuo me manter assim independente das circunstâncias. Mas seria bem mais fácil se George e Eva não estivessem brigando.

— Peraí — George diz, depois das minhas instruções. — Preciso de um minuto.

— Ai, meu Deus... — Eva diz. Ela leva as mãos à cabeça quando ele começa um exercício de respiração, seguido por um de elocução.

George está repetindo “Bá, bó, bu, bé” de maneira forçada quando Eva o interrompe com um grito:

— A gente nem tem falas, é só pegação!

Isso faz Paul rir tanto que o microfone entra no enquadramento, chacoalhando no mesmo ritmo que ele.

Me desespero. Nesse ritmo, nunca vamos conseguir a tomada perfeita — aquela em que tudo se encaixa e a atuação parece a coisa mais natural do mundo. George e Eva costumam se dar bem. Essa briguinha começou porque há uma hora George disse que Eva estava com bafo e precisava chupar uma bala antes da cena. E, embora George certamente tenha sido um escroto, eu só quero que Eva esqueça isso, porque, embora seja uma boa atriz em circunstâncias normais, ela não consegue fazer um olhar apaixonado quando quer matar alguém.

— Não é melhor a gente fazer um intervalo? — Jack sugere, tirando o fone de ouvido.

Concordo.

— O.k., tirem cinco minutos, vocês dois. Vão dar uma volta ou algo do tipo. Deixem isso pra lá.

Eva não discute e sai da sala agitada. Pouco depois, ouço o barulho da torneira sendo aberta na cozinha. George continua onde está, fazendo seus exercícios de voz como se nada tivesse acontecido.

Viro para Jack com um olhar de “Me mate agora mesmo”. Ela dá de ombros. Jack pode ser irritantemente tranquila às vezes. Duvido que não esteja tão frustrada quanto eu.

Nossa websérie, *Famílias Infelizes*, não está indo muito bem. Não estou falando de grana, porque o canal não rende nada mesmo. Mas nossa base de fãs não é o que esperávamos quando começamos o projeto em dezembro. A meta era chegar a mil seguidores, o que seria difícil, claro, mas possível. Estamos no fim de maio e temos meros quatrocentos, nem metade do esperado.

Não é que Jack e eu achássemos que íamos nos tornar uma sensação da internet da noite para o dia, tipo Justin Bieber, mas pensamos que receberíamos um pouco mais de atenção. Temos alguns espectadores fiéis que deixam comentários, mas é meio que isso. Nenhuma rede de fãs. Nada de pedidos enlouquecidos pelos próximos episódios. Nem sinal de mil seguidores. Não falamos muito a respeito, mas acho que estamos depositando todas as nossas esperanças nesse episódio com George e Eva. Porque, se alguma coisa pode fazer nossa websérie bombar, é uma cena de beijo. Como Jack disse uma vez, o público adora uma pegação. Não entendo por que, mas posso muito bem jogar esse jogo.

George está fazendo um trava-língua — “Três tigres tristes” — quando vou até ele e dou um tapinha no seu joelho.

— Ei.

Ele olha para mim como se eu o tivesse insultado ao interromper seu ritual solene, mas para e levanta as sobrancelhas, esperando.

— Hum... Será que você poderia pedir desculpas pra Eva?

George parece ainda mais ofendido.

— Por quê?

— Porque você foi meio grosso, ela ficou brava e agora não dá pra acreditar no beijo de vocês.

— Mas eu não acho que tenho que me desculpar.

Solto um suspiro, tentando manter a calma. Às vezes dirigir é como cuidar de uma criança pequena: requer muita paciência, pulmões fortes e a habilidade de convencer criaturas egoístas a fazer o que você quer.

— Eu sei que não — digo. — E entendo completamente. Mas será que poderia me fazer um enorme favor e *fingir* que quer se desculpar? Não vamos conseguir uma tomada boa a menos que vocês façam as pazes. Estou te pedindo isso porque você é sempre muito profissional no set.

Posso sentir Jack olhando para mim — provavelmente tão impressionada quanto enojada com a puxação de saco descarada. Não é segredo que George se considera o melhor ator do elenco. Embora pelas costas eu o chame de “estrelinha”, não tenho problema nenhum em usar o termo “profissional” só para conseguir voltar a filmar.

George morde a isca. Depois de um “Por favor?” meu, ele acena com a cabeça sem dizer nada e vai para a cozinha como um soldado marchando rumo às linhas inimigas.

Assim que sai, Jack bate palmas em câmera lenta de maneira dramática.

— Muito bem — Paul diz.

— Só estou fazendo meu trabalho. Pode soltar o microfone agora, Paul.

— Jura? Nossa, que bom. — Ele o abaixa, apoiando-o com cuidado no sofá da sala, onde George e Eva estavam se beijando de maneira pouco convincente há alguns minutos.

— É melhor guardar suas forças para amanhã — Jack diz.

Amanhã é a formatura de Paul e de Klaudie, minha irmã, na nossa escola, a Calhoun. Estou tentando não pensar a respeito. É impossível imaginar aquele lugar *sem* Paul. Mas pelo menos ele vai continuar estudando na cidade.

Ouçó alguém pigarrear de leve atrás de mim. Viro e vejo

que George e Eva estão na porta. Ele parece um pouco irritado, mas satisfeito. Ela também parece um pouco irritada, mas calma. Já é um avanço. Consigo me virar com um pouco de irritação.

— Certo — digo. — Prontos pra tentar de novo?

George e Eva se posicionam no sofá, sentados em frente a um tabuleiro de Scrabble. Paul pega o microfone e assume seu lugar. Jack põe o fone e vai para a frente das câmeras com a claquete.

Desta vez, vai ser melhor. Desta vez, sei que vamos conseguir a tomada perfeita. A energia mudou. A raiva desapareceu dos olhos de Eva. Os dois finalmente estão prontos. Agora é só uma questão de ligar a câmera.

— Do começo — digo. Aperto o REC e aceno com a cabeça para Jack, que bate a claquete e sai da frente. — E... Ação!